

## ***O espectáculo das emoções. AfroReggae, uma ONG brasileira em acção***

Susana Durão

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (Portugal)

[ssbdurao@gmail.com](mailto:ssbdurao@gmail.com)

33º Encontro anual da Anpocs

Caxambu, Minas Gerais.

26 a 30 de Outubro de 2009

Gt 38: Subjectividade e Emoções

Coordenadores: Maria Cláudia Pereira Coelho (UERJ) e Octávio Bonet (UFJF)

### **Resumo**

Através de uma pesquisa de campo entre uma das ONGs mais mediatizadas do Brasil contemporâneo, o Grupo Cultural Afroreggae, almeja-se analisar como se produzem socialmente *líderes afectivos* e um *espectáculo de emoções* que se oferece como ideia de Brasil plural. Serão explorados vários momentos de uma etnografia que acompanhou acções do grupo entre 2007 e 2008. Numa “onda de felicidade e de oportunidades”, o Afroreggae é projectado cada vez mais no plano nacional e transnacional, mas há algo que merece particular atenção na sua trajectória: o trabalho emocional de mediação. Coloca-se por fim a questão de saber se estaremos perante um tipo novo de mobilização e de acção colectivas que privilegia a emoção e não tanto a coerência de objectivos políticos, a acção e o projecto.

### **Introdução**

“O Afroreggae é uma instituição ligada na intuição. Tem pessoas que querem a questão técnica e matemática. Estão trabalhando com a instituição errada. A gente não é assim. A gente trabalha com intuição. Respeitamos a cultura local e, principalmente, o saber popular. A tecnologia [social] passa pelo toque, pela forma de olhar, olhar nos olhos, e por reconhecer alguns talentos. Eu digo que eu minto muito. Eu chego para uma pessoa que não tem talento nenhum e digo que ela tem talento. Eu faço um teatrinho com outras pessoas do Afroreggae [em torno daquela pessoa] que dizem que

viram nela um talento que nunca viram em lado nenhum. E o cara acredita nisso. E passa a acreditar no que a gente está falando porque somos a referência para ele” (José Júnior no programa Roda Viva, TV Cultura, 2007).

A citação do criador, administrador e mentor da filosofia prática do Afroreggae resume bem a ideia do projecto. A dinâmica que decorre deste parece ser simples, mas não o é. Será preciso mergulhar numa etnografia das acções e falas dos envolvidos para compreender o lugar de destaque que as emoções ganham em todo o processo, isto é, como elas vão ser entidades mediadoras e actrizes de primeira linha. Aqui exploro essa dinâmica emocional em dois sentidos. Primeiro, descrevo a criação daquilo a que chamo líderes afectivos, talvez um dos aspectos mais determinantes para a longevidade da ONG e que alimenta o chamado fenómeno de multiplicação nestes meios, isto é, a sua expansão geográfica e geométrica. Segundo, discuto a produção de um espectáculo de emoções oferecido pela ONG e com ele a criação da metáfora de Brasil e metonímia de Rio de Janeiro, aspectos que são mobilizadores da acção mas não sem controvérsia.

### ***Intermediação, mediação e emoções***

As ONGs, movimentos ou associações sociais, culturais e políticas e os seus actores-chave, têm sido perspectivados como entidades que medeiam vários aspectos sociais como o poder, ideologia e cultura (Wright, 1994, 1998). De modo mais particular, quando se fala em mediação em processo são evocadas muitas ideias que implicam uma especialização da acção. A mediação generalizou-se como técnica de intervenção social. Fala-se em mediação em situações de justiça ou da sua ausência, mediação de conflitos ou para a paz; mediação religiosa; mediação cultural; mediação familiar; mediação profissional, etc. Nestes usos, o termo mediação confunde-se geralmente com arbitragem. A mediação remete imediatamente para uma intervenção contextual, mas furta-se geralmente a uma análise mais conceptual.

Na tentativa de fixar teoria sobre o fenómeno mediador este começou a ser interpretado pelas dinâmicas que gera. Vários antropólogos definem a mediação como uma interferência que aproxima, faz dialogar ou conviver partes consideradas

diferentes entre si mas que estão (ou se pretende que estejam) envolvidas num mesmo fenómeno, situação ou encontro (Velho & Kuschnir, 2001). É privilegiado o papel dos mediadores, de pessoas que transitam entre mundos socioculturais distintos presentes em metrópoles caracterizadas por um elevado nível de heterogeneidade e, em particular no Brasil, numa sociedade não só altamente diferenciada como desigual. Embora possam não ter o projecto de intermediar, Gilberto Velho chama-lhe os *go-betweenes*, pessoas que produzem trocas entre sistemas cognitivos e diferentes instituições (Velho, 2001: 22), verdadeiros “agentes de transformação” (Velho, 2001: 27). Os exemplos estudados pelos autores no sugestivo livro “Mediação, Cultura e Política” (2001) variam entre as trocas afectivas e materiais entre empregadas domésticas e patroas (Coelho, 2001; Rezende, 2001), “mediadores culturais” (Vianna, 2001: 32), políticos, mediadores profissionais que têm o projecto pessoal de se tornar mediadores (Celso, 2001: 210; Kuschnir, 2001; ), etc. Nem todos podem ser mediadores porque nem todos possuem as ferramentas da intermediação. Neste sentido, ainda que nem sempre de forma directa e explícita nos textos, a mediação tende a estar relacionada com poder e saber na exacta medida em que para existir conta com uma condição de assimetria entre as partes envolvidas, um “grande divisor” social, numas épocas mais acentuado do que noutras (Duarte, 2001: 129). Quando interpretada neste sentido, a teoria sobre mediação está particularmente interessada na interpretação de *actos de mediação* que podem ser mais ou menos fluidos e nem sempre organizados como ideologia. Por isso Luiz Fernando Duarte insiste que “mediação é relação, conexão, vínculo” (2001: 129).

Neste texto gostaria de avançar com mais dados reflexivos para as teorias da mediação, dados esses que considero complementares e não contraditórios aos dos autores antes citados. Uma primeira questão é levantada por Bruno Latour num dos seus livros mais recentes, *Reassembling the Social* (2005). Esta relaciona-se com a diferença que devemos fazer entre intermediação (inter-social e inter-cultural) e mediação. Não é possível discutir aqui os pressupostos teóricos mais amplos das ideias de Latour, mas é possível falar a respeito deste tópico e das suas implicações para a antropologia que fazemos. O autor defende que um intermediário transporta sentidos ou forças mas sem transformação. A definição dos seus *inputs* é suficiente para definir os seus *outputs*. Já os mediadores não podem ser contados como um,

porque eles podem desdobrar-se em muitos, voltar a ser nada, ou ser uma infinidade de entidades. Os seus *inputs* não predizem os *outputs*, pois a sua especificidade deve ser tida em conta o tempo todo. Os mediadores transformam, traduzem, distorcem, e modificam o sentido ou os elementos que é suposto carregarem (Latour, 2005: 39). É preciso saber distinguir quando é que pessoas, objectos, entidades, conceitos – e emoções, como demonstrarei – agem como intermediários ou como mediadores. Latour está a pensar em actores como moléculas ou computadores, pessoas e coisas.

Nesta perspectiva, a mediação não está apenas centrada na acção de pessoas individualmente, embora também as inclua. Não basta existirem pessoas em determinados lugares-chave para serem mediadores. A mediação tem de ser explicada com recurso a uma teia maior de acções e sentidos transformadores do social. Estamos assim no plano do que poderia chamar-se “a fábrica social das mediações”, onde o pesquisador é uma presença interpretativa que lida com uma série de outras presenças interpretativas. Latour adverte-nos que “a acção deve permanecer uma surpresa, uma mediação, um evento. É por esta razão que devemos começar (...) não pela ideia de que ‘a sociedade determina a acção’, pelas ‘habilidades e cálculos dos indivíduos, ou pelo ‘poder do que está inconsciente’, mas antes pelo que está por determinar na acção, as incertezas e controvérsias sobre quem e o que é que está a actuar enquanto ‘nós’ actuamos” (Latour, 2005: 45).

Desta perspectiva, existem aspectos fundamentais a levar em conta. Penso em particular no papel activo das emoções na vida social. Embora Latour proponha um novo olhar sobre a organização formal e informal do que é entendido como sociedade em diversos momentos históricos, não tem dado grande relevo ao papel social das emoções. A mediação tende a ser encarada ora como processo cognitivo ora como processo material de reconciliação de termos mutuamente interdependentes mas em oposição. O factor emocional só lateralmente tende a ser incluído no processo. Em boa verdade, os trabalhos de Cláudia Rezende (2001) e de Maria Cláudia Coelho (2001) advertem-nos desde logo para a forma como as afectividades, trocas e sentimentos geram aspectos que dependem da acção dos indivíduos mas que criam ambiguidades na leitura que fazem do seu próprio lugar e situação nos mundos sociais. No caso que procuro aqui detalhar poder-se-ia arriscar dizer que são as emoções que organizam e colam o social.

A minha leitura do texto de Hochschild (2007) vai neste sentido. O autor introduz a questão da “gestão dos sentimentos” e do trabalho emocional, de como o estilo emocional com que se oferece um serviço – e eu diria, uma atitude, uma performance, um ritual, uma imagem – pode ser parte do serviço em si mesmo, ou de outra situação (Hochschild, 2007: 84). O argumento é que em determinados contextos o “trabalho emocional” faz parte de uma “engenharia de gestão do coração” (Hochschild, 2007: 85-88). Este trabalho, ou melhor, esta conjugação de factores, tem exigências. Alguns profissionais oferecem um serviço e com este sentimentos que acabam por produzir um estado de espírito, um bem-estar, a noção de que se é cuidado num espaço convival e seguro. O autor dá o exemplo das aero-moças. Este tipo de ocupação requer a coordenação da mente e dos sentimentos e, por vezes, sustenta uma ideia de pessoa que se considera fazer profundamente parte da nossa individualidade. Neste caso as aero-moças são intermediárias de um serviço mediador.

No caso do Afroreggae que estudei são de salientar alguns aspectos que fazem parte daquilo que pode ser entendido como o *trabalho de mediação das emoções*, mas não tanto pela sua dimensão normativa, digamos, mas talvez por uma dinâmica sócio-criativa. Aqui, o interessante é compreender como as emoções criam organização de ideias -- os líderes afectivos são o primeiro exemplo etnográfico -- e como as ideias geram emoções colectivas associadas à ONG mas muito centradas em determinadas figuras (pessoas), metáforas e metonímias de país e de cidade – como acontece na festa de entrega dos Prémios Orilaxé (a segunda incursão etnográfica do texto).

As emoções estão em pessoas e além delas. Estas criam e recriam vocabulários de sentimentos e experiências linguísticas partilháveis. As emoções não são perspectivadas como algo *essencialmente* endógeno; elas existem em muitos lugares e provocam acontecimentos (Heelas, 2007). Mas, como veremos, os acontecimentos, projectos, situações, e propriamente formas de organização, de pessoas e de instituição, nem sempre muito explícitas ou perfeitamente delimitáveis, criam determinadas redes de emoções das quais dependem para existir e subsistir.

### ***Afroreggae: metodologia de ONG***

As “políticas de identidade” (Alvarez, Dagnino, Escobar, 2000) desenvolvidas em ambientes organizados ou movimentos sociais na América Latina são cada vez mais plurais e difíceis de compreender como um todo homogéneo, e até mesmo como políticas identitárias à medida que nos aproximamos delas. Durante as últimas décadas do século XX estas geraram-se em torno da questão afro (afro-brasileira ou afro-descendente), ameríndia, feminista, direitos homossexuais, etc. Muitas das suas iniciativas foram simplesmente rotuladas como “acções de cidadania”. Embora com vários problemas internos e infra-estruturais, tais políticas geraram um afluxo de mudanças impressionante (Landim 1993, Teixeira, 2003). No século XXI, estas parecem estar a sofrer transformações assinaláveis, transitando entre vários pólos de sentido ou concentrando muitos deles: i) movimentos sociais (*idem*, 2002) e novos movimentos culturais; ii) “políticas” dirigidas para a política, ou para a cidadania, ou para as questões de implementação dos direitos humanos e “políticas” dirigidas para a criação (sempre selectiva e parcial) de recursos materiais e de subsistência; iii) formas de mobilização colectiva e formas de mobilização de indivíduos na produção de um sujeito artístico<sup>1</sup>, incluindo novas categorias nos léxicos (como “auto-estima” e “reconhecimento”). iv) Políticas e subjectividades tendem agora, cada vez mais, a incluir nas suas dinâmicas, nas formas de estruturação e de organização, um outro vértice do triângulo: o mercado.

O Grupo Cultural Afroreggae furta-se a classificações e enquadramentos muito cerrados. É simultaneamente movimento, mas não *um* movimento; é uma associação cultural, com projectos que prometem transformar pessoas através da arte, mas não apenas isso; é uma ONG que se quer manter enquanto tal mas que tem uma dimensão empresarial e comercial cada vez mais forte. Assim, esta organização evidencia como no Brasil têm vindo a ser criados hibridismos<sup>2</sup> intencionais a este

---

<sup>1</sup> O *sujeito* de que falo não corresponde a indivíduos em particular; trata-se de uma construção que depende de subjectividades plurais, mas que lhes é em grande medida exterior e ganha consistência nos diversos entendimentos sobre a acção. Neste sentido, tal como Touraine que define a ideia de sujeito, no seu caso “resistente” (2005: 119-123), também aqui ela não se coloca no estreito universo das identidades, embora possa afectá-las. O sujeito artístico pode ser uma abstracção. Todavia, ele tem enraizamento nas práticas ocupacionais, políticas e de vida – como acontece no caso do Afroreggae e de outras ONGs brasileiras como Nós do Morro, Cufa, etc.

<sup>2</sup> O conceito em si mesmo, tal como foi tomado pelas ciências sociais, explica pouco se usado fora de contextos precisos de análise. Este tem sido alvo de revisão quando as suas retóricas, em parte derivadas de fenómenos de globalização, transnacionalidade, pós-colonialismos e diásporas enfrentam o retorno da “raça” nos domínios de afirmação de culturas (Almeida, 2002). Todavia, neste contexto preciso de cruzamento de tendências de natureza diferente (social, cultural pessoal), que levam a

nível, problematizando aspectos como o de saber o que é afinal uma ONG, o que significa a acção social, a acção cultural, a acção política, os interesses pessoais e mais globais nestes contextos. O que está a acontecer nestas ONGs é merecedor de um olhar que não se restrinja à luz da literatura que as considera reféns da globalização e dos fenómenos de exclusão, de reprodução social e de exploração da pobreza, como nas teorias do capitalismo global (Harvey, 1989). Trata-se de produzir um olhar que esteja menos refém da sociogénese e mais envolvido com o fazer-social.

Estas ONGs parecem ser produtoras de novas formas de social e de sociedade, local, de cidade, tanto quanto de ideologia ou de cultura, enquanto mecanismo de poder (Wright, 1994), merecendo por isso uma imersão etnográfica mais transversal. Usei assim uma metodologia de pesquisa não só multi-situada como transversalmente multi-focalizada. O objectivo era compreender o contexto sócio-histórico e os debates em torno da ONG, mas sem perder a densidade etnográfica das suas acções e do acompanhamento de pessoas envolvidas nelas. Resolvi seguir em particular um dos projectos da ONG, o Juventude & Polícia, e participar nas oficinas de capacitação do mesmo em Belo Horizonte no mês de Março de 2007. Durante os restantes meses estive diversas vezes nos núcleos em diversas favelas, em eventos da ONG, desenvolvi cerca de 60 entrevistas a diversos líderes e participantes do Afroreggae e a outros actores-chave no Rio de Janeiro (políticos, jornalistas, produtores culturais, cineastas, pessoas envolvidas noutras ONGs, em movimentos de direitos humanos, académicos, etc.).

Como já antes foi detalhado, o caso do Afroreggae congrega várias especificidades das Ongs dos anos 90 (Ramos, 2006, 2007). Uma das mais fundamentais particularidades é o facto da ONG partir da afirmação e distribuição territorial massiva do narcotráfico e da violência como dado de socialização dos jovens na própria realidade urbana, procurando lidar com o que poderia ser o potencial positivo interno de tal situação. Trata-se daquilo a que Júnior apelida de “narcocultura” (*idem*: 259), dimensão que este considera totalmente impregnada nas favelas do Rio de Janeiro, numa extensão maior no país e em toda a América latina. É

---

questionar exactamente a natureza do fenómeno organizacional – neste caso das ONGs, do que são, dos sentidos que tomam e dos traços que deixam antever a génese do que virão a ser estas no futuro – o conceito de híbrido, ou de realidade híbrida, parece ser útil, pelo menos para dar início ao debate.

no sentido de lidar com essa “cultura” e o meio social que ela gera que o Afroreggae tem vindo a dirigir a sua atenção mobilizadora.<sup>3</sup>

Só que entretanto nos últimos anos o projecto não tem parado de crescer... Paulo Makum introduz de forma intencionalmente impressionante a grandeza da ONG Afroreggae no seu programa Roda Vida para o qual José Júnior foi convidado: “Esta ONG tem mais de 60 projectos, beneficia directamente duas mil pessoas com as suas acções, tem 176 pessoas na sua lista de pagamentos (profissionais e jovens em formação), gere um orçamento de seis milhões de reais e ganhou mais de 40 prémios nacionais e internacionais” (Roda Viva, TV Cultura, 2007).

Como Júnior narra em seu livro (2006) e como outras pessoas que entrevistei me explicitaram, nem sempre a ONG foi assim. A ONG descola na segunda metade dos anos 90 quando começa a conquistar apoios decisivos. Um dos momentos de viragem foi dado com a criação da banda Afroreggae, a criação dos espectáculos musicais “Conexões Urbanas”, que faziam transitar músicos de renome do “asfalto para a favela” e músicos populares “da favela para o asfalto”. Num plano não menos simbólico, foi crucial a construção do centro cultural em Vigário Geral (reconstruído e enormemente ampliado em 2008). Central foi a negociação da presença da ONG noutras favelas do Rio, seja com oficinas, núcleos, subgrupos, pequenas bandas e projectos seus ou em parceria. Desde então tem vindo a ganhar popularidade e começou a ser alvo de pesquisas, teses, originou vários produtos culturais e obras de exaltação do seu sucesso. A corrente mediática e de fama geraria novos projectos, parcerias, e um crescimento sem precedentes numa ONG que nasceu umbilicalmente ligada à favela de Vigário Geral. Trata-se assim de uma ONG localizada, *grassrooted*, mas que se desenvolve a partir de novas formas de conexões transnacionais que desafiam visões de poder e de Estado com uma superioridade vertical de formas inesperadas (Ferguson, 2006: 111). ONGs como esta, embora podendo ter avolumados patrocínios e apoios dos Estados – o que deu origem à irónica designação de “organizações neo-governamentais” no Brasil -- acabam por criar uma cadeia de

---

<sup>3</sup> Este defende que se devem levar a sério as “neuroses de favela” (*idem*: 255), criando um “jeito Afroreggae de ser” que seria “exportado para várias partes do Brasil e [que] pode ser resumido numa única palavra: auto-estima” (*idem*: 257). O fim último é criar “estratégias básicas para que a ‘cultura Afroreggae’ se aproprie da narcocultura, supere-a e crie, a partir daí, um viés positivo de atuação” (*idem*: 259). Líderes, mediadores, estes sujeitos são também vedetas de bandas musicais, artistas, heróis de favela: “o estilo de vida dessa nova geração de ídolos é tão sedutor quanto o dos traficantes, mas com o bónus da liberdade”. São “bandidos dentro da lei” (*idem*: 257).



eventos, de mediatização e de emoções tal que faz com que os governos de Estado sejam beneficiários directos ou indirectos das suas acções.

Nem mesmo quando a ONG cresceu Vigário deixou de merecer o título de sede emocional do projecto. A sede comercial foi transferida para o centro da cidade, mas Vigário permanece o núcleo para onde converge o maior número de funcionários, de movimento, de visitas; e é o lugar que concentra mais exposição mediática. O filme semi-documental “Favela Rising” dos britânicos Matt Mochary, Jeff Zimbalist (2005), que recebeu 36 prémios, é talvez ainda hoje o produto mais popular e mais visto sobre o Afroreggae, mesmo se a ONG conquistou o coração da mídia (em especial da rede Globo, sua parceira comercial). O movimento aconteceu numa altura em que a favela começou a afirmar-se como actriz principal numa série de narrativas literárias e ficcionais. “Cidade de Deus”, realizado por Fernando Meirelles (2002) a partir do livro de Paulo Lins, editado em 1997, ou o documentário “Falcão: os meninos do tráfico”, livro e filme de MvBill e Celso Athayde (2006), entre vários outros, são exemplos deste olhar mediado pela cultura para a favela que percorreu mundo. Pode dizer-se que o Afroreggae apanhou boleia desta globalização cultural e foi ao mesmo tempo produtor da mesma. Com o século XXI viria a “exportação da tecnologia social” do Afroreggae para outros Estados do Brasil, para outros países de primeiro e de terceiro mundo, daí o título do livro “Da Favela para o Mundo” (Júnior, 2006). Tratava não só de fazer renascer a favela como de a fazer crescer e apresentar ao mundo.

Mas do seu passado que remonta a 1993, ano de formalização do Grupo Cultural Afroreggae, nome original mantido até hoje, há a referir alguns aspectos determinantes. Entre estes destaca-se o trânsito dos fundadores entre mundos sociais e culturais distintos. Júnior, em particular, é um mediador social nato, no sentido em que desde jovem convive com população de rua e, em simultâneo, consegue ligações a alguns produtores culturais. A trajectória do próprio Afroreggae fica marcada pela sua associação ao entretenimento cultural, nomeadamente através da realização e distribuição gratuita do jornal Afro Reggae Notícias em algumas favelas e a organização de festas Rasta Reggae Dancing. Alguma controvérsia sobre o destino mais político ou mais culturalista foi sendo anulada à medida que a voz de Júnior se sobrepôs à de outros que largaram o projecto. Assim a ONG cresceu com uma história de empresarialização (ou de empreendedorismo, como dizem os

coordenadores) algo que é hoje motivo de orgulho no seio da ONG, mas que também cria anticorpos apaixonados por parte de outras ONGs, movimentos sociais, movimentos pelos direitos humanos, geradores de opinião e vozes diversas. Um dos objectivos manifesto de Júnior é criar uma empresa social, garantir à ONG a sua sobrevivência financeira mesmo em momentos de retracção por parte dos patrocinadores, sobretudo os internacionais – clima de crise que começou a enublar a sobrevivência de muitas acções do “terceiro sector” no Brasil à entrada do século XXI.

Nos anos 90 as cidades brasileiras são cidades tomadas pelo tráfico de drogas, instalado em áreas de favelas. É o tempo dos comandos do tráfico. É neste contexto de violência quotidiana que nascem ONGs como o Afroreggae, com altas taxas de letalidade local, sobretudo entre homens jovens, sobretudo entre os 15 e os 29 anos de idade (Ramos, 2007). Ao contrário de associações anteriores que tiveram de se reconfigurar a partir desse dado, o Afroreggae e outras Ongs afiliadas como Nós do Morro, Cufa, etc., nascem já sem inocência. Negociação e mediação fazem parte do seu caminho e vocabulário de implementação territorial, oferta de serviços, projectos, captação de recursos para públicos também, e principalmente, situados nas favelas.

Embora eventos dramáticos da cidade e da favela tenham peso na ideologia de sustentação de acções de cidadania na favela -- ou como diz Júnior, do “resgate da cidadania nas favelas” (Roda Viva, 2007) – estes não foram suficientes para tornar a acção de luta política a principal bandeira do grupo. A conhecida chacina de Vigário Geral em 1993 -- onde morreram 21 moradores como retaliação da acção policial por terem sido mortos na véspera quatro policiais na favela – é geralmente evocada como fenómeno fundador do movimento. Júnior afirma em seu livro: “O fato é que todos os meninos de Vigário tiveram suas vidas marcadas pela chacina e pela chamada guerra dos dez anos. E isso iria refletir decisivamente no nosso trabalho” (Júnior, 2006: 54). Júnior refere-se à guerra entre as duas favelas vizinhas, Vigário e Parada de Lucas, expressa por duas facções do narcotráfico rivais. Não deixa de ser inusitado e muito mais do que mera nuance no discurso e prática da ONG, que Júnior chame a atenção em seu relato para a forma como o confronto histórico nasceu de um jogo de futebol entre equipas das duas favelas: “Na última cobrança do time de Parada de Lucas, o goleiro de Vigário, chamado Geléia, defendeu. Um traficante de Lucas atirou imediatamente: Geléia caiu morto, abraçado

com a bola” (Júnior, 2006: 54). A violência é situada na favela, entre jovens da favela e é a partir dela que o trabalho do Afroreggae vai gerar-se, subtraindo-se ao recurso sistemático a uma narrativa meta-política. O trabalho é feito através de uma metodologia alternativa, uma certa “tecnologia social”. Um olhar etnográfico dirigido à ONG permite argumentar que esta tecnologia se sustenta numa dimensão emocional que é a “cola social”, a própria produção de social, como veremos ao longo do texto.

### *Líderes afectivos nos projectos*

Desde o início, fiquei intrigada sobre o que faz mover uma ONG da dimensão do Afroreggae, ou melhor, como é que ela se localiza e em simultâneo se expande, apoiando-se em relações interpessoais muito extensas e ao mesmo tempo fluidas e temporárias. Gradualmente fui-me apercebendo que os “líderes afectivos” são fundamentais no desempenho do trabalho de mediação emocional ali levado a cabo, sobretudo no plano dos “projectos sociais”. No meu vocabulário, líder afectivo não significa ter um certo estilo afável, embora esse aspecto possa ser crucial. Significa que determinadas pessoas geram em seu torno uma onda de simpatias que favorece a sua trajectória e a da ONG. Este líder seria mais um gerador de afectos do que um ser afectivo. Neste sentido, destaco a dimensão relacional de um complexo processo.

Digamos que a máquina do Afroreggae depende da máquina de produção de lideranças a todos os níveis. E tal máquina não se reduz aos cargos de coordenação e de administração, ou a pessoas colocadas em lugares-chave do Estado, mercado e arte que apoiam em momentos determinantes as produções Afroreggae; ela está impregnada em todos os momentos da ONG, como irei descrever. Naquele que é considerado o seu “projecto modelo” (José Júnior, Roda Viva - TVcultura, 2007), o Juventude & Polícia, a filosofia e prática da organização do Afroreggae encontra-se muito bem expressa.

Uma palavra sobre o projecto Juventude & Polícia. Como os seus promotores colocam vezes sem conta, este nasceu da ideia de trabalhar *com* a polícia e não *contra* a polícia (Ramos, 2006), oferecendo aos policiais as mesmas oficinas que fazem parte dos núcleos de favela: percussão, teatro, grafitti, street ball e street dance.

Inicialmente concebido para a Polícia Militar do Rio de Janeiro, foi com o apoio do governo do Estado de Minas Gerais que ele começou a ocorrer com a Polícia Militar de Belo Horizonte (2004-2008). Uma teia de relações pessoais, políticas e entre ONGs fez com que a parceria fosse efectivada naquela cidade, com o apoio de outras instituições do Rio como o CESeC, fazendo deslocar um grande colectivo de jovens “afroreggae” do Rio para Belo Horizonte para o efeito.

Trata-se de um projecto de formação e de capacitação de policiais para trabalhar como educadores com grupos de jovens de escolas situadas em favelas e geralmente com um historial de violência. O projecto tem vários dados originais: a formação é dada por jovens de favela familiarizados com os conceitos afroreggae. As trajectórias destes são múltiplas, mas alguns dos principais líderes tiveram alguma posição nos circuitos do narcotráfico. Os “educadores” propõe-se assim lidar com o estereótipo e preconceito “em mão dupla”, dos jovens para a com a polícia e da polícia para com os jovens, criando situações de inter-relacionamento. A ideia é combater estereótipos enquanto se experimentam várias incursões artísticas. Tudo isto é feito com uma dose de programação grande, mas o seu formato híbrido entre produção, arte e academia – que mistura seminários, celebrações, oficinas com actividades – deixa uma enorme margem ao improvisado, inovação e, também, aos problemas que daí derivam. Até mesmo a calendarização dos eventos pode sofrer revisão a todo o momento. Como a base é a experiência cultural e emotiva que se pretende suscitar em cada pessoa e no colectivo, durante um curto período de tempo, crê-se que é neste encontro criativo e em movimento que podem ser revistos os estereótipos. A arte e a experimentação passam a servir de mediação. O vocabulário usado para este projecto, como a ideia de “invasão cultural dos batalhões militares”, gera por si só uma imagem de mobilização. O tempo do projecto é de duas semanas, uma semana num batalhão da Polícia Militar e uma semana em duas escolas de periferia.

A ideia é que estas acções sirvam para que os policiais trabalhem parcialmente nas escolas e prolonguem a formação dos alunos durante todo o ano. Esta parte programática, que depende da autorização das chefias policiais e do empenho dos policiais individualmente nessa rotina, não alcançou o sucesso esperado. Assim, o projecto acaba por se centrar nos encontros e reencontros de

capacitação que duram desde 2005, uma a duas vezes por ano, dependendo dos recursos conquistados.

Em todos os projectos do Afroreggae existe a figura do monitor e a do instrutor, duplas que são uma espécie de técnicos, de gestores e ao mesmo tempo líderes das oficinas. Mas o que quero chamar a atenção é para a cadeia produzida a partir desta estrutura de chefia simples nos projectos – sem dúvida a importar dinâmicas de redes de venda de mercado como a Tupperware ou mesmo a Natura, baseadas numa estrutura que depende do sucesso da autonomia de cada um, onde idealmente todos saem ganhadores. A capacitação de policiais e de jovens em escolas de periferia passa pela criação dos chamados líderes “naturais” em cada uma das oficinas, que faz aumentar a referida estrutura. A verdade é que se trata de um processo informal e nem sempre pouco controverso de selecção. Mas o dado original é que a selecção acaba por ser colectiva, onde todos estão envolvidos, mesmo se tal não é explicitado.

Quando se fala em “multiplicação”, palavra mobilizadora para a acção social, neste caso está a falar-se desta multiplicação de líderes. Vários jovens estão presentes nas oficinas e projectos sem que se perceba exactamente o que ali estão a fazer. A dada altura pareceu-me que seriam sobretudo funcionários sem função, já que muitos deles estavam na folha de pagamentos do Afroreggae ou recebiam alguma diária mas, aparentemente, não prestavam um serviço visível e coordenado. Estes “jovens Afroreggae”, como a eles se referem os coordenadores principais nas acções, encontravam-se ali por motivos vários. Porque era preciso um jovem com aquelas características visuais; porque era requerida uma jovem mulher para lidar com um grupo de mulheres ou, simplesmente, para marcar a pluralidade; porque era preciso que alguns jovens ingressassem nas actividades e projectos uma vez que estavam em trânsito do mundo ilegal para o legal e tinham de ser momentaneamente afastados das favelas e do narcotráfico, aproveitando para que começassem a experimentar o universo Afroreggae. As combinações eram múltiplas.

É deste modo que o trabalho de socialização na ONG se associa assim ao trabalho de multiplicação. Mas um dos aspectos centrais para muitos desses “funcionários” é a forma como vão aprender ou não a ser líderes afectivos e, a seu tempo, ser convocados pelos coordenadores principais a monitorar e a instruir outros jovens que devem mobilizar para o mesmo processo, donde se espera que sobressaia

novo líder, e por aí fora. A dinâmica não tem fases objectivas e degraus de aprendizagem. Acontece frequentemente tudo em simultâneo. Claro que um processo com uma dinâmica desta natureza cria grande mobilidade, entradas e saídas, substituições e vazios. Tudo é encarado como sendo temporário, transitório.

Um grande contingente de pessoas participa assim nas acções. Falo em contingente porque se passa algo que encontra paralelismos no serviço militar, já que muitos são convocados a participar nas acções, são recrutados muitas vezes sem se saber ao certo qual será o seu papel. Alguns vestem o papel de heróis da favela, mas não são necessariamente líderes. Por exemplo, em 2007, Serginho, o herói sobrevivente do filme “Falcão, meninos do Tráfico” (*idem*), integrou o Juventude & Polícia.<sup>4</sup> Apresentava nas escolas, depois de exibido o filme que popularizou a sua imagem, junto com outros jovens ex-traficantes, uma narrativa cativante que se baseava na afirmação: “Eu sobrevivi; olhem para o meu exemplo de vida”. Se para o público ele era apresentado como um herói, dentro do contingente Afroreggae ele estava a ser socializado e, à partida, sem qualquer lugar garantido. Muitos jovens diziam: “o Afroreggae é um mundo de oportunidades”. Mas também era sabido que um saber-ser-e-fazer, embora partilhado, não era estreitamente transmissível, o que fazia com que para muitos as oportunidades acabassem por dissipar-se ou consumir-se rapidamente.

Uma onda de mobilização colectiva pela emoção tem lugar marcado em cada projecto. Em muitos momentos, sobretudo no início e no final de cada projecto, ou de cada fase do mesmo, todos se unem num só abraço e celebram a possibilidade de mudança que a ONG, toda a série de parcerias e, sobretudo, aqueles membros ali presentes são capazes de fazer acontecer. Tal mensagem é simultaneamente para as diferentes audiências que os eventos atingem e para os participantes. A particularidade desta linguagem das emoções é que ela é tão pública quanto privada.

Todos têm lugar no colectivo que ali se gera, e não simplesmente porque a ONG deseja atingir o maior número de pessoas possível, mas porque pode ocorrer que um líder afectivo se revele. Na perspectiva da ONG, as lideranças implicam

---

<sup>4</sup> Serginho fez parte de um grupo de jovens entrevistados para a realização de um filme e de um livro com o mesmo nome e que entretanto, com o decorrer do tempo de filmagens, entre 1993 e 2006, foram sendo mortos. O filme teve enorme repercussão no Brasil e gerou calorosas polémicas que oscilavam entre dois propósitos: a naturalização da violência vs a visualização da violência social.

muitas vezes mais chance de multiplicação do que a multiplicação do número de usuários.

Um exemplo. Entre os policiais de Belo Horizonte que frequentavam o projecto o Johny sobressaiu entre os demais nos últimos anos de capacitação. Jovem, negro, bonito, recém-casado, ele mostrou estar envolvido com o projecto e não se saía mal na percussão, a oficina mais popular do Afroreggae e do próprio projecto -- como veio a verificar-se numa controversa aparição da banda dos policiais Afroreggae num dos programas mais vistos do Brasil, o *Faustão* da TV Globo em 2006.

Mas ocorreram alguns percalços. O que aconteceu foi que com esta afirmação de liderança, a “metodologia” não respeitava outras, como aquela que diz respeito à hierarquia militar da polícia. Pareceu, a dado momento, não ter cabimento para sargentos, ainda por cima há mais tempo no projecto, ter de responder perante um praça como o Johny nos períodos de ausência dos monitores do Rio e mesmo durante a execução dos projectos de capacitação. Várias vezes entre os policiais se levantaram a reclamar tal situação, mas estas não foram suficientes para alterar o curso dos eventos. A justificação por parte de elementos do Afroreggae surgiria que tudo estava a acontecer dentro da filosofia da ONG, precisamente com base nessas formas de liderança “espontânea” que não escolhem outras normas que não um curioso cocktail, sempre temporário, de afectividades socialmente manifestas (muitas vezes estranhas para os próprios membros do projecto). Até que ele próprio se preserve nesse papel, o Johny permanece “a cara” do projecto Juventude & Polícia em Belo Horizonte. Para tal dinâmica teve importância o facto do Johny ter organizado uma visita dos policiais ao Rio de Janeiro, visitando os núcleos da ONG e, momento ritual, a favela de Vigário Geral.

Um outro exemplo. Para os jovens participantes do Rio de Janeiro, a surpresa geral, ou a convergência de emoções em 2007 foi para Alan, que tinha acabado de largar um cargo na boca de fumo onde trabalhara há vários anos. Agora com 23 anos desejava refazer a sua vida. Em poucos dias já se sentia como peixe dentro de água no projecto. Ele representava, segundo constatei mais tarde com os coordenadores, o exemplo máximo de sucesso da filosofia do projecto. Isto porque não só mantinha entusiasmo pelo mesmo como conseguia promover esse entusiasmo em terceiros: a súpula do que poderia vir a ser o líder afectivo e no qual efectivamente viria a

tornar-se um ano mais tarde. Em 2008 fui encontrá-lo como monitor em projectos da ONG em favelas do Rio. Se se mantivesse dentro da “onda”, qualquer dia poderia viajar até Londres, Nova Iorque, Índia ou China num dos projectos da ONG. Para tal teria de manter uma atitude moral e de auto-vigilância de modo a resistir a fumar, beber álcool ou consumir drogas – aspectos que acabaram com várias lideranças. Mas não menos importante seria a resistência à dura prova da competição interna e apaixonada por ser um líder, conseguindo, simultaneamente, atrair para si afectos, e não apenas dos coordenadores mas sobretudo dos seus colegas.

Ao longo da minha experiência junto do Afroreggae apercebi-me que o valor do saber técnico e artístico e, mais ainda, um certo activismo político manifesto, são aspectos secundários na carreira dos líderes. É a possibilidade mais fluida de criar afectos, mobilização e organização, reunindo afectos, criando uma certa reputação, que abre portas a uma passagem mais prolongada pela ONG, sobressaindo do “exército afroreggae”, uma metáfora muito usada nos projectos de capacitação.

Como disse, muitos funcionários aparentemente sem função circulam pelos espaços e actividades da ONG, esperando e produzindo a sua oportunidade, um caminho a várias mãos. Alguns encontram no Afroreggae uma ocupação temporária; muitos transitam entre várias formas de vida onde a ONG é um lugar de regresso e de partida. Para muitos jovens moradores de Vigário Geral que conheci melhor, com escolaridade muito baixa, a duas horas de distância da capital, é pouco provável que consigam uma ocupação e, caso a consigam, que a venham a manter por muito tempo. O Afroreggae funciona assim como centro de emprego temporário.

Como a descrição demonstra, não existe propriamente uma cartilha para se tornar um líder. A missão do Afroreggae resume-se a poucas ideias que não têm grande impacto no seu interior mas que criam ressonância política. Poucas pessoas no Afroreggae se referem aos conceitos formais como “alicerces para a sustentabilidade”, “exercício da cidadania”, “elevação da auto-estima”, etc. – para falar do que fazem. Mas sabem, com toda a certeza, a importância de ser um líder.

Embora existam alguns ingredientes comuns, não me parece que seja a identidade em si mesma, ou as políticas de identidade entre pessoas, a melhor abordagem interpretativa para fenómenos mobilizadores como este que descrevi no Afroreggae. As emoções socialmente partilhadas durante o trânsito pela ONG, essas



emoções em movimento, parecem-me ser a chave para entender como a organização se vai *organizando* através dos seus participantes e com a colaboração activa e criativa dos mesmos. No caso das lideranças, esse ingrediente fica mais nítido. Trata-se de ter a capacidade de ser líder e ao mesmo tempo querido, ser individual e ser colectivo. A análise do ponto seguinte sublinha uma segunda dimensão do aspecto emocional – uma espécie de alquimia das emoções que contribui, de forma diferente, mas convergente, para o trabalho emocional de mediação que venho descrevendo.

### ***O espectáculo das emoções: entrega dos prémios Orilaxé***

Em 2008 a cerimónia de entrega dos Prémios Orilaxé, organizada anualmente pelo Afroreggae, atingiu um pico de maturidade e de reconhecimento. Nas vésperas, quem circulasse pela cidade do Rio de Janeiro, deparava com cartazes coloridos a anunciar o dia dessa festa. Tratou-se dos quinze anos de idade da ONG. Já em 2007 tinha sido bastante impressionante para mim assistir ao espectáculo que mobilizou centenas de pessoas no Teatro Villa-Lobos, no Leme, Copacabana. Mas em 2008 havia uma conquista social e culturalmente simbólica. Ouvi dizer entre alguns presentes: “a favela invadiu o Teatro Municipal”, essa que foi uma das maiores obras das reformas urbanas do princípio do século XX, teatro situado em pleno coração da zona centro do Rio. O palco da *high culture* cederia lugar às bandas, núcleos, convidados e, determinante, aos homenageados do Afroreggae.

No público, pelo menos no primeiro balcão onde eu me encontrava, a presença predominante não era a dos VIPs, concentrados na plateia: padrinhos, jornalistas, vedetas de novela, modelos, actores e atrizes, cantores e cantoras populares. De cada vez que um deles entrava ouviam-se gritinhos de entusiasmo e viam-se flashes fotográficos. Mas no primeiro balcão estavam efectivamente aqueles que eu conhecia de Vigário Geral e de outras favelas: pessoas de movimentos negros, das associações de moradores, representantes de igrejas pentecostais e de religiões afro-barsileiras, primos, amigos e vizinhos do pessoal que viria a pisar o palco.

Os prémios são um evento que congrega a participação de colectivos e de cada um individualmente. Este permite criar uma rede de contactos, geradora de

afectos. São chamados e homenageadas pessoas e instituições situadas nos mais diversos domínios da sociedade.<sup>5</sup> Com a entrega do prémio e a possibilidade de mediatização que este provoca, o Afroreggae oferece a um grande número de pessoas, num ano e ao longo dos vários anos em que decorre a festa, uma visibilidade única. Estes, a seu tempo, irão servir de mediação em algum momento-chave da trajectória da ONG que de seguida o reconhece e que desse modo vai criando uma malha extensa e apertada de conexões que se expande em múltiplos sentidos mais ou menos conjugados e mais ao menos autonomizados. Assim como no caso das lideranças individuais, o fenómeno que sobressai deste e de outros eventos permite uma multiplicação de parceiros em rede sem precedentes, numa escala e nível diplomático maior do que a escala dos projectos. Mas o processo ou o “conceito”, como diria Júnior, é sempre o mesmo, não um outro. Por isso o trabalho é de mediação e não de intermediação; é transversal e não meramente capilar (de baixo para cima da hierarquia social; ou de cima para baixo). Este processo é acompanhado por um desenho simbólico, artístico e de produção material que sublinha a dimensão emocional desta mediação. A metáfora é o próprio Brasil. Uma metáfora traduz sempre uma comparação subentendida. O espectáculo de entrega de Prémios Orilaxé transforma-se assim no espectáculo-de-Brasil, sempre presente e sempre evocado em cada momento. A rede social e cultural é anunciada assim à escala do Brasil, nos seus lugares de periferia, nas suas centralidades e nas conexões diversas que a ONG pretende originar e que origina.

O projecto de mudança e de busca de sucesso pessoal através das oportunidades abertas pelo projecto mantém-se. Como diriam os analistas do capitalismo global, a ONG parece expandir uma ideologia mercantil e neo-liberal. O convite tem a fotografia de uma criança, filha das favelas (e de líderes concretos nos projectos do Afroreggae). A frase reflecte a ideologia individualista: “A cabeça tem o poder da transformação”. De cada vez que os separadores do evento mostram fotografias das crianças, uma onda de aplausos emocionados ecoa por todo o auditório. É a linguagem das emoções, acessível a todos. No final, a presença física de todas as crianças fotografadas no palco cria uma imensa comoção, a maior do

---

<sup>5</sup> As modalidades definidas para a entrega de prémios pela ONG são: jornalismo, fotografia, veículo de comunicação, cantor, cantora, grupo musical, tradição afro-brasileira, cultura popular, produção de conhecimento, responsabilidade social, empreendedorismo social, projecto social, inovação social, políticas públicas, direitos humanos, destaque do ano.

evento, mais ainda do que a ovação a um dos músicos mais populares das ruas, Zeca Pagodinho. Mas o que é assinalável no evento não se resume apenas a ideias de reprodução social, mas sim a ideias, algo inusitadas, de produção de sociedade. O que domina no espectáculo é a capacidade visual, imaginária e emocional de criar um sentimento de metaforização do Brasil.

A narrativa do evento não propõe uma vulgata do projecto luso-tropicalista de Gilberto Freyre, uma ideia de miscigenação social ou até um intercâmbio inter-classista ou inter-racial do tipo: “todos diferentes, todos iguais”. Embora não possa desenvolver no presente texto, o tópico da presença e tratamento da questão “racial” no Afroreggae é extremamente original e segue um caminho algo imprevisível. Mas a narrativa do evento gera movimento em todos os sentidos: as diferenças existem, as desigualdades existem, mas este é o Brasil que existe e que se ama. As diferenças estão expressas em co-presenças improváveis. Por exemplo, podem ser homenageados em simultâneo grandes nomes de igrejas neo-pentecostais e figuras centrais nos politizados movimentos dos direitos humanos.

A ideia de um mundo melhor é expressa através da ida ao palco daqueles que fazem parte do mundo possível. Assim, o projecto não é propriamente utópico nem o seu contrário. Este cria metáforas mobilizadoras por um sentido de emoção partilhada num presente muito intenso e que já transporta em si o futuro. Não se trata de uma emoção que se consolida apenas a partir de uma “efervescência colectiva”, tal como foi definida por Durkheim (1912), no sentido em que manifestações de carácter religioso seriam uma expressão da força social e dos símbolos sociais que a objectivam. O que acontece tem um sentido mais complexo: emoções transformando-se e objectivando-se em relações sociais antes desconhecidas ou inexistentes. Podemos ir mais longe, a ideia do evento é levar pessoas a testemunhar e entrar num comboio de emoções, emoções que deixam assim de ser individuais e que também não têm apenas força por ser colectivas, mas que passam por ter uma causa comum: o Brasil emergente, uma promessa de futuro no presente. E quem se atreveria a recusar embarcar em tal viagem?

A ONG transforma a própria cidade que a origina e que ela acaba por representar numa metonímia, usando essa figura de retórica que consiste no emprego de uma palavra por outra que a recorda. De tal modo que de cada vez que se fala em

Afroreggae é a cidade do Rio que se evoca. Este processo está presente nos vários produtos e objectos mediáticos (sempre com imagens, palavras e temas da favela ou de jovens de favela como pano de fundo), mas também em cada momento do processo de mediação que é criado pelos projectos. O espectáculo anual que marca o compasso de existência e persistência da ONG no tempo é a confirmação da metonímia. Como me confidenciou Zuenir Ventura enquanto assistíamos à entrega do prémio Orilaxé em 2007: “O Rio é a grande vitrine do Brasil. O Rio está todo aqui hoje”.

O evento sugere que o Rio de Janeiro está ali por intermédio da ONG, acima de tudo, mas também dos seus convidados, razão de existência e de perpetuação da própria ONG, como vimos acontecer no caso anterior com a multiplicação de lideranças. O Rio está dentro da sala de espectáculos. O palco passa então a ser a metrópole, o espectáculo da metrópole. Além disso, haverá sempre, na extensa rede de participantes, alguém ou alguma instituição na qual qualquer carioca se revê, mesmo o mais céptico, o mais pessimista, ou “anti-ongueiro” de todos os cariocas. Trata-se de uma certeza estatística e não de uma probabilidade. Todos os cariocas são assim transformados em participantes de um mesmo momento, mesmo que fisicamente ausentes. Assim, as políticas de identidades diluem-se para dar lugar a uma identidade urbana ou de país. Ao contrário de outros movimentos, o que o Afroreggae acaba por propor é algo como: o meu sonho de Brasil é aqui. Já é. Ele não pode ser adiado. E esta é de facto a grande novidade da linguagem emocional transmitida por esta ONG, com todos os recursos simbólicos e materiais ímpares de que dispõe. E por isso ela levanta questões heurísticas determinantes à análise social.

Sob esta luz interpretativa, a leitura do Rio como metonímia do Afroreggae, palco onde por sua vez se assiste à produção de metáforas de Brasil, podemos entender melhor o que José Júnior quer dizer quando defende convictamente que “o Rio sofre uma segregação social muito grande, mas ao mesmo tempo é a cidade mais democrática do Brasil” (Roda Viva, 2007). A dimensão política está porventura onde menos se espera que esteja.

## **Palavras finais**

Neste texto enfatizei o papel das emoções como aspecto nuclear do trabalho de mediação levado a cabo em ONGs de carácter urbano, de intervenção não só em ambientes de pobreza como em ambientes sociais mais latos. O caso do Afroreggae é não só ilustração de todo o processo como abre caminhos para um aprofundamento de teorias que envolvem a problemática das emoções, mediação e políticas. O texto permite, de modo mais indirecto, argumentar com teses que crêem que determinadas dinâmicas mundiais limitam o papel activo de mudança local e transversal deste tipo de associações. Mas argumenta também pela necessidade de não fixar um quadro sociológico de entendimento que se centre, inversamente, em acções de contra-poder, ideologia, cultura, políticas de identidade, estilos de vida alternativos, etc., desafiando-nos a pensar outras categorias envolvidas na acção de organizações, pessoas, do movimento, sobre as teias de sentido e de sentimento que geram.

Em simultâneo, o texto permite contribuir, de modo inicial e incipiente, para uma visão teórica sobre o trabalho das emoções em contextos organizacionais e com agrupamentos mais ou menos fluidos de pessoas, em trânsito e em permanente mudança. E fá-lo não apenas porque tudo o que envolve esta ONG, e porventura outras do mesmo género, exige essa abertura reflexiva, mas também porque esta é uma possibilidade de fixar algum conhecimento sobre realidades que têm escapado sistematicamente a leituras mais clássicas e situadas da antropologia.

Um dos aspectos que tem sido mais lembrado em relação a ONGs como o Afroreggae e outras é a sua juventude, tanto dos usuários como, e fundamentalmente, das suas lideranças (Ramos, 2006). Mas talvez o aspecto mais relevante seja, como demonstrei no texto, a forma como usuários e líderes, educadores e educandos se fundem e se podem encontrar nas mesmas pessoas. Eles são sujeito e objecto do mesmo processo. Estaríamos assim perante uma nova geração de ONGs? Líderes como Júnior tornaram-se amigos pessoais do Presidente Lula, de governadores de Estado, de artistas de renome, etc. O seu poder de influência é hoje inimaginável. Como vimos, uma teia de lideranças é tecida em vários momentos e eventos da ONG gerando os afectos que colam e descolam o social. E, apesar disso, a fluidez e existência ameaçada destas instituições é uma presença constante para qualquer um que nela se envolva.

Para a maioria dos jovens que aderem ao Afroreggae este representa exactamente um mundo de oportunidades e a oportunidade de circular literalmente

no mundo. Mais do que fonte de aprendizagem formal, domínio técnico, artístico ou profissional, ou até a possibilidade de gerar renda, foi a possibilidade da mobilidade entre mundos, de existir e de subsistir entre mundos, que sobressaiu nas entrevistas e abordagens etnográficas que fiz. Assim, há como que um entendimento partilhado sobre a ideia de viver o futuro no presente, sem que sejam propriamente os planos, as carreiras pessoais, as trajetórias da ONG e até os projectos a liderar as experiências subjectivas. Coloca-se por fim uma questão que merece ser aprofundada: estaremos perante um tipo novo de mobilização e de acção colectivas que privilegia exactamente a emoção pela emoção (com o seu potencial de mudança pessoal e colectiva) e não tanto a coerência de objectivos políticos, a acção e o projecto?

Termino com um trecho da entrevista a Alan, o jovem-revelação no projecto Juventude & Polícia em 2007. A entrevista decorreu na primeira semana de actividades, num batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais:

“Nunca me imaginei aqui, dado a vida que eu levava. Era uma coisa totalmente diferente do que é essa. Nunca pensei estar aqui, com os meninos, dentro de um batalhão da Polícia Militar... da PM! Bom, para mim, tudo o que está acontecendo está sendo maravilhoso. (...) No tráfico eu estava sofrendo, já estava me sentido sofrido; a minha esposa já não estava morando comigo, estava afastado dos meus três filhos; estava afastado da minha família, da minha mãe, das minhas tias, do meu irmão; não ia mais visitar a minha mãe. (...) O Dongo [monitor no Afroreggae] falou comigo, a ver se conseguia me encaixar nessa viagem. Aí eu fiquei aguardando. Ele acertou que até tal dia me dava a resposta. Aí passou uns três dias. Aí nos encontramos na favela e o Dongo me diz: ‘Caraca, eu queria te ver. Pô, tu vai com nós’. Falou assim mesmo: ‘Pô, tu vai com nós’. E eu falei: ‘Caô [mentira], vai voar nada’. ‘Sério, tu vai com nós’. Eu falei: ‘É sério mesmo?’. [O Dongo:] ‘Já está tudo certo. Falei com o Altair [coordenador executivo do Afroreggae] e tu vai com nós. Já tá avisado e tudo’” (...) É... Nem que eu não fique no Afroreggae, nem que eu vá pra outro lugar. Porque eu não tava vendo só com o Afroreggae, o trabalho. Eu tava vendo com outros amigos já, procurando outro lugar. Mas foi a primeira oportunidade que apareceu pra mim mesmo. Há seis meses que eu tava pensando: tenho de largar a vida do tráfico” (Belo Horizonte, 25 de Março de 2007).

Passado um ano, quando reencontrei Alan no centro cultural em Vigário Geral, e quando o acompanhei a Nova Iguaçu para introduzir oficinas numa pequena ONG emergente, a emoção de Alan já não estava à flor da pele. Todavia, a

consolidação do seu papel de líder estava agora à vista de todos. E, ainda assim, tudo poderia vir a mudar de novo e muito rapidamente.

## **Bibliografia**

Almeida, M. V. de, 2002. 'Longing for Oneself': Hybridism and Miscegenation in Colonial and Postcolonial Portugal. *Etnográfica*, Vol. VI (1), pp. 181-200.

Alvarez, Sonia E.; Evelina Dagnino e Arturo Escobar, 2000, *O Cultural e o Político nos Movimentos Sociais Latino-americanos*, Belo Horizonte, Editora da UFMG.

Castro, Celso, 2001, "Comentários", In Gilberto Velho e Karina Kuschnir (orgs), *Mediação, Cultura e Política*, 205-212, Rio de Janeiro, Aeroplano Editora.

Coelho, Maria Claudia, 2001, "Sobre Agradecimentos e Desagradados: trocas materiais, relações hierárquicas e sentimentos", In Gilberto Velho e Karina Kuschnir (orgs), *Mediação, Cultura e Política*, 265-292, Rio de Janeiro, Aeroplano Editora.

Duarte, Luiz Fernando, 2001, "Comentários", In Gilberto Velho e Karina Kuschnir (orgs), *Mediação, Cultura e Política*, 127-136, Rio de Janeiro, Aeroplano Editora.

Durkheim, Émile, (1912), *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse*, Paris, PUF.

Ferguson, James, 2006. *Global Shadows. Africa in the Neoliberal World Order*. Durham, London: Duke University Press.

Harvey, David, 1989, *The Condition of Postmodernity: An Inquiry into the Origins of Cultural Change*, Oxford, England, Blackwell.

Heelas, Paul. 2007. "Emotion Talk Across Cultures". In *The Emotions. A Cultural Reader*, Ed. Helena Wulff, 31-36. Oxford, New York: BERG.

Hochschild, A. Russel. 2007. “Exploring the Managed Heart”. In *The Emotions. A Cultural Reader*, Ed. Helena Wulff, 83-92. Oxford, Nova Iorque, Berg.

Junior, José, 2006 (2<sup>nd</sup> ed), *Da Favela para o Mundo. A história do Grupo Cultural AfroReggae*, Rio de Janeiro, Ediouro.

Kuschnir, Karina, 2001, “Trajetória, Projeto e Mediação na Política”, In Gilberto Velho e Karina Kuschnir (orgs), *Mediação, Cultura e Política*, 137-164, Rio de Janeiro, Aeroplano Editora.

Landim, Leilah, 1993. *A Invenção das ONGs. Do Serviço Invisível à Profissão sem Nome*. PhD.: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional.

Latour, Bruno, 2005, *Reassembling the Social. An Introduction to Actor-Network-Theory*, Oxford, Oxford University Press.

Ramos, Sílvia, 2006, “Brazilian Responses to Violence and New Forms of Mediation: The case of the Grupo Cultural Afroreggae and experience of the project “Youth and the Police”, *Ciência & Saúde Coletiva*, 11 (2): 419-428.

Ramos, Sílvia, 2007, In Maria Isabel Mendes de Almeida e Santuza Cambraia Naves (Orgs), *Porque não? Rupturas e Continuidades da Contracultura*, Rio de Janeiro, Sete Letras.

Rezende, Claudia, 2001, “Entre Mundos: sobre amizade, igualdade e diferença”, In Gilberto Velho e Karina Kuschnir (orgs), *Mediação, Cultura e Política*, 237-264, Rio de Janeiro, Aeroplano Editora.

Teixeira, Ana Cláudia Chaves, 2003. *Identidades em Construção. As Organizações Não-Governamentais no Processo Brasileiro de Democratização*, São Paulo, Annablume.



Velho, Gilberto e Karina Kuschnir, 2001, *Mediação, Cultura e Política*, Rio de Janeiro, Aeroplano Editora.

Velho, Gilberto, 2001, “Biografia, Trajetória e Mediação”, In Gilberto Velho e Karina Kuschnir (orgs), *Mediação, Cultura e Política*, 13-28, Rio de Janeiro, Aeroplano Editora.

Vianna, Hermano, 2001, “‘Não Quero que a Vida me faça de Otário!’ Hélio Oiticica como mediador cultural entre o asfalto e o morro”, In Gilberto Velho e Karina

Kuschnir (orgs), *Mediação, Cultura e Política*, 29-60, Rio de Janeiro, Aeroplano Editora.

Wright, Susan (ed), 1994b, “Culture in Anthropology and Organizational Studies”, *Anthropology of Organizations*, London and New York, Routledge: 1-31.

Wright, Susan, 1998, “The Politicization of ‘Culture’”, *Anthropology Today*, 14, 1: 7-15.